

Breve relato da experiência no i.Lab #2026 Formação imersiva em Arte para Infância, em Loulé.

Talita Alcalá Vinagre

“Todo o dia o sol levanta e a gente canta o sol de todo dia...”
Canto do povo de algum lugar, de Caetano Veloso.

Começamos "já começando". Jorge Parente movia-se pela sala do Solar da Música, com atenção e receptividade a todos nós. Desse modo, já em movimento, nos inspirou a preparar o corpo através de alongamentos, caminhadas e respirações. Nessa recepção silenciosa, tornou-se possível escutar os desejos de movimento que brotavam de dentro do corpo. Dobrar, esticar, girar, torcer, chacoalhar, rolar no chão, saltar, imitar... Passamos, pouco a pouco, à exploração de movimentos nada cotidianos. E, assim, íamos nos soltando, acordando o corpo e nos inspirando uns aos outros, brincando, dialogando com cada pessoa presente no grupo e naquele momento.

Pareceu-me muito interessante esse modo de começar “já começando”, mais silencioso, criando um ambiente de concentração e favorecendo a presença e percepção de si e do entorno. Havia também crianças presentes em nosso grupo. Isso tornou o encontro ainda mais inspirador, cheio de uma energia nova, rumos às descobertas!

Jorge nos apresentou a sua proposta de trabalho: iríamos "despertar" o corpo por meio de um alfabeto de posturas e movimentos, aprendidos com seu mestre, Zygmunt Molik. E, a partir disso, “acordar” a voz e sentir a ressonância e vibração vocal ocupando espaço dentro e fora do corpo. A cada letra do alfabeto do corpo que nos introduziu, pudemos experimentar e improvisar diferentes intensidades, velocidades e arranjos gestuais e vocais. Iam surgindo imitações, repetições, variações, composições instantâneas, formando duos, trios, quartetos... Abrindo mais e mais a escuta e a percepção para os desejos que germinavam em si, no outro e também no espaço, nos jogos de imitar, mover, pausar, variar, diferenciar, aproximar, distanciar, ralentar, acelerar, observar, reinventar...

Passamos, então, aos exercícios de vocalizar uma única nota com a vogal “a”, ativando a voz como gesto do corpo, como expressão do corpo. Todos na sala começaram a soar suas notas pessoais. Uma polifonia ia surgindo, como uma espécie de música circular, um mantra, um canto primordial. Imersos nesse ambiente sonoro de diferentes vozes e corporalidades, íamos emitindo som a cada expiração e retomando o fôlego, no ritmo pessoal que, ao mesmo tempo, criava e era criado por uma ressonância coletiva.

Ao final de uma dessas investigações, pude cantar e ouvir a minha própria voz com mais volume e sem esforço. Ao final, percebi ainda a sensação de uma espécie de “limpeza nos ouvidos”, pois escutava melhor, com mais nitidez.

Em seguida, juntamo-nos em grupos para nos ouvirmos e criamos novas ressonâncias, relações e escutas a partir da vocalização de uma única nota. A cada encontro com a voz de outra pessoa, em relação ao outro, algo se complexifica na medida em que o desejo estava sendo modulado diante da escuta e da atenção ao que acontecia no momento presente e diante de cada novo encontro.

Aproximando-nos do final desta semana de imersão no trabalho de Corpo & Voz, Jorge propôs a alguns participantes que cantassem uma canção do coração. Enquanto ouvíamos os cantantes, percebemos lágrimas e choro entre nós. E assim, o trabalho ia tocando na dimensão emocional. Porque, sendo a voz o nosso “instrumento da alma”, como diz Jorge, é quase inevitável que, no momento em que esse instrumento é tocado, irá também nos desnudar e vulnerabilizar. E é através dela, da voz e do corpo, que as emoções, matéria humana, pedem passagem.

Ao longo da semana imersiva, tornou-se imensamente interessante ouvir nossas vozes se desnudando, sem “máscaras” e sem “defesas”.

O que vejo é o meu reflexo? Reflito sobre o que vejo? O que é possível espelhar através da imagem? O espelho é um reflexo do que vejo ou o que vejo reflete o meu olhar? Rita Roberto nos colocou, de mansinho, perguntas que nos permitiram refletir sobre as ações no tempo, nos provocando explorar mais um pouco e a buscar novas relações no decorrer de cada gesto.

Com cartões laminados e refletivos, em diferentes formas e distribuídos pelo espaço, passamos a improvisar combinações, jogos e imagens. Em um clima de delicadeza, calma e muita poesia.

Depois, nos apresentamos por meio de um gesto e do som dos nossos nomes, mas, ditos e desenhados no espaço de forma inaudita. E assim, um novo convite à improvisação: uma espécie de pequena coreografia sonora pessoal com as sílabas do nome. Nos reconhecemos mais uma vez, em roda, cada pessoa com seu nome, seu gesto pessoal, sua voz, se expressando com liberdade e inventividade. E pudemos fazer isso mais de uma vez, mudando a forma de desenhar o próprio nome no espaço com o corpo.

Em seguida a esse trabalho com as partituras pessoais dos nomes, desenhamos em pequenas placas o que nos ressoou daquelas primeiras improvisações. Juntamo-nos novamente em grupos e brincamos de montar o *systemic puzzle*, uma espécie de mosaico de imagens e possibilidades. Diante dessa nova configuração, Rita nos convidou a traduzir em movimento e som o que víamos nessas imagens. Cada participante escolheu um movimento e passamos a realizá-los, improvisando novamente, para criarmos novos diálogos por meio do movimento e do som.

Havia escuta, ressonância e espaço para cada uma/um se expressar em sua singularidade. O grupo acolheu as propostas e conectou os fios, as linhas, os traços pessoais e criamos uma dança coletiva com o pulsar do coração, alongando essas linhas nas diagonais do espaço.

Chefa Alonso nos apresentou, ao longo da semana, um conjunto de sinais que utilizaria para nos reger, e nos convidou, então, a criar pequenas peças sonoras, com limite de duração entre 5 e 10 minutos. Esse limite de tempo delineou a efervescência de desejos e ideais que, assim, precisavam ganhar, dentro do grupo, uma dimensão pequena. Do *limite nasce o ilimitado*... Como na série harmônica de Pitágoras, um mesmo som contém muitos outros dentro dele. Uma pequena partitura de som e movimento era germinado: o exercício da criação, da composição, da escuta, da comunidade.

Em um dos exercícios de composição "Germinar e partilhar", no final de um dia de imersão, me deparei com uma questão cultural interessante junto à Gustavo Paixão: dei-me conta de que pensávamos improvisação de forma distinta. No código "brasileiro" que levei comigo, a princípio, mais aberto, sem contornos pré-estabelecidos, e outro "português", mais definido, com uma estrutura mais controlada. Modos diferentes de pensar a improvisação, igualmente valorosos e interessantes, pois focalizam tanto o encontro como o acaso. Então, lembrei-me da seguinte frase: *Um lance de dados não abolirá o acaso*, como dito pelo poeta francês Mallarmé.

Inês Rodrigues da Silva nos regeu por entre as notas de um instrumento inventado, brincando com seus sons, criamos música juntos, de forma lúdica, fluida e leve. Em roda, nos convidou para a dinâmica da *sacola mágica*. Tal objeto ia ganhando formas, sons, cheiros e uma diversidade de histórias curiosas na medida em que cada participante manuseava a sacola. Foi muito especial, muito rico ver uma gama enorme de expressões e narrativas criadas com uma sacola aparentemente vazia.

A conversa e apresentação da Constelação artístico-educativa PaPI (Peça a Peça Itinerante), nascida no âmbito do projeto Opus Tutti, por Helena nos foi muito inspiradora. Pensar a experiência da arte para as infâncias em modo itinerante, capaz de criar amplo acesso ao ser realizada em contextos educativos, onde os bebês e crianças convivem diariamente. E, em seguida, termos assistido à precisa e instigante peça PaPI-Opus 12, apresentada por Maria João Vieira Leite, nos deu pistas de como é possível pensar e criar pequenas peças com recursos "simples" e, ao mesmo tempo, muito bem "elaborados", tal como o gesto, a voz, o movimento e, sobretudo, a intenção de compartilhar.

Helena Rodrigues nos convidou a uma aproximação ao universo sonoro e expressivo dos bebês. Assim, enquanto ouvíamos um excerto da obra *A Liberdade a Passar por Aqui*, gravada ao vivo numa apresentação para famílias com bebês, propôs levantarmos as mãos assim que, imediatamente, ouvíssemos vocalizações de bebês. A partir disso, íamos afinando a escuta e criando familiaridade com a resposta dos bebês aos estímulos sonoro-musicais. Em seguida, experimentamos, em dupla, a relação entre bebê e artista ou adulto cuidador. E me deparei com o desafio, primeiramente, de "representar" um bebê, sendo muito distante em minha memória tal experiência, e, depois, eu sendo a adulta, diante da tarefa de dialogar sonoramente com o "bebê", performado pela minha dupla.

Ao final, senti que me aproximei mais da minha dupla, algo de "nós mesmas" se evidenciou nesse jogo não-verbal. Além disso, pude me lembrar do relato de minha

mãe sobre eu ter sido uma bebê “mais silenciosa”, no julgamento dela diante de sua experiência com meu irmão mais velho, que dormia pouco e chorava mais vezes ao dia.

Um segundo convite para brincarmos: criar um diálogo em língua inventada, entre som e movimento. Em dupla, uma pessoa iria criar gestos e movimentos a partir das vocalizações da outra. Foi muito interessante e divertido colocar o corpo todo para “pensar” e traduzir a língua inventada com gestos não premeditados. Ao final, em roda, criamos um grande diálogo com palavras inventadas. Foi muito divertido nos comunicar nessa língua estranha, sem significado prévio, na qual as intenções diziam mais do que palavras. Lembrei-me muito da língua dos bebês e a sua potência comunicativa não-verbal.

No penúltimo dia de imersão, concentramos nossa energia na preparação da performance final, uma apresentação, no dia seguinte, a um público convidado. Chefa trouxe *haikais* - pequenos poemas japoneses - para criarmos mini peças inspiradas neles. O *haikai* nos inspirou um pouco mais a criar uma experiência sinestésica, por entre sonoridades, gestos, imagens, sensações e movimentos.

E Rita nos trouxe uma “mesa de trabalho” para produzirmos, com gelatinas, varetas, palito, cola, tesoura, pregadores, elásticos algo que poderíamos aproximar da ideia de “vitral móvel” com formas e cores em movimento. Dispusemos esses materiais no espaço do Solar, como uma instalação para o dia da apresentação.

No sábado de manhã, em um primeiro momento, em pequenos grupos, apresentamos um pouco do que germinamos e florescemos ao longo da semana. Em seguida, uma mini peça de improvisação orquestrada por Chefa e encerramos cantando e convidando o público para, juntos, nos embalar em uma canção sem palavras, transmitida por Inês.

Me emocionei com a potência da Formação Imersiva, em Loulé, e desejei fortemente que essa utopia que criamos ali, ao longo dessa semana, se prolongasse para a vida toda. Percebo que criamos um espaço de pertencimento, onde cada pessoa pôde ser si mesma, investigando a expressão de si, abrindo-se à expressão do outro e às transformações. Um ambiente permeado de gentileza, entusiasmo, escuta e ludicidade: princípios tão necessários para quem atua com as infâncias nos dias de hoje. Uma semana encantadora, que ampliou meu repertório e imaginação pessoal, a qual pretendo revisitar sempre em minha memória, podendo, assim, nutrir minha prática artística, pedagógica e humana.